UMA CARTA PARA GARCIA

Este texto foi já anteriormente publicado em Portugal, pela revista «Seara Nova», em 1941. Como encontrará adiante, referido pelo próprio autor, na explicação prévia, A Carta a Garcia, trata-se, provavelmente, de um dos artigos de jornal mais divulgados por todo o Mundo, desde sempre.

O seu formidável êxito não se deverá quer ao acaso quer a qualquer insidiosa campanha para a divulgação do individualismo ou do liberalismo ou, sequer, à justificação ideológica das distinções e das injustiças sociais.

Este texto deve ser entendido como uma expressiva ilustração de algumas das características que as organizações precisam que existam nas pessoas para progredir e melhorar o seu funcionamento.

Podemos identificar entre as qualidades aqui expressas:

a) Espírito de missão ou respeito pelos objectivos da organização (em certo sentido, estímulo pelo bem comum, como diria a «Seara Nova») e, também, pelo próprio serviço que é cometido, com assunção das responsabilidades que lhe são inerentes.
b) Autonomia e iniciativa no desenvolvimento do trabalho, com procura de soluções para os problemas, sem dependência e recurso desnecessário a outras pessoas ou a outras actividades.
c) Energia e decisão no desenvolvimento do trabalho, orientando o espaço para o cumprimento dos objectivos.

A existência de pessoal com estas características é imprescindível para o crescimento de qualquer organização e, através delas, das sociedades e dos países. Foi esta percepção imediata que muitos responsáveis, a cujas mãos chegou «Uma Carta para Garcia», tiveram. Foi a necessidade de promover este tipo de comportamentos, bem expressos no texto, que a tornou tão interessante e tão divulgada.

Para qualquer organização, pessoas com esta atitude constituem um «nervo» insubstituível, capaz de inverter situações, mesmo muito difíceis.

Nas fábricas, nos escritórios, nas lojas, nas repartições ou nos serviços mais diversos, as pessoas capazes de levar «a carta a Garcia» não têm preço. Através do seu trabalho e da sua acção podem vencer a inércia e solucionar problemas enormes.

Importa também acentuar que um grande número de pessoas, talvez a grande maioria, poderá, entre nós, estar nestas condições. É essencial que, para isso, as organizações não sufoquem estes comportamentos, mas os estimulem.

Uma administração de pessoal rotineira e burocrática normaliza comportamentos «por baixo», desestimulando os que têm este potencial e vontade. Organizações muito rígidas, enquadramentos excessivamente parados, desincentivam a vontade de mostrar capacidade própria ou até impossibilitam qualquer acção, mesmo que muito positiva, que exceda os limites do habitual.

As chefias podem assim ter um papel motivador junto dos subordinados, estimulando a sua iniciativa e dedicação ou, pelo contrário, desincentivar a sua colaboração e interesse pelo trabalho.

Mas isso não é o menos importante, estas atitudes podem desenvolver-se desde a escola, criando valores positivos que nos estimulem a adoptar estes comportamentos, disseminando uma educação moderna que generalize uma cultura de iniciativa, de criação de riqueza e de responsabilidade, quer para com as organizações em que se trabalha quer para com a comunidade em que se vive, de cujo progresso e crescimento dependem, afinal, o bem estar de cada um de nós.

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Este pequeno trabalho literário, **Uma Carta para Garcia**, *foi escrito à noite, depois de cear, numa só hora, a 22 de Fevereiro de 1899, aniversário natalício de Washington, quando íamos precisamente imprimir* **O Filisteu** *de Março. O tema brotou com calor do fundo do meu coração. Escrevi-o depois de um dia de fadiga, em que me tinha esforçado por induzir uns camponeses a sacudirem o seu estado comatoso e a serem eficazmente activos e empreendedores.*

Não obstante, a ideia veio duma pequena discussão sobre chávenas de chá, quando meu filho Alberto sugeriu que Rowan foi o verdadeiro herói da guerra de Cuba. Rowan tinha ido só e cumprido a sua missão: levou a carta a Garcia.

Levantei-me da mesa e escrevi **Uma Carta para Garcia.** *Pensei tão pouco nela que a publicámos sem título na revista. Esta saiu, e logo começaram a chegar encomendas para remessas de exemplares do* **Filisteu** *de Março: uma dúzia, cinquenta, cem; e, quando a Companhia Americana de Notícias pediu um milhar, perguntei que artigo tinha chamado tanto a atenção. «Foi o que se refere a Garcia», responderam-me.*

No dia seguinte recebi um telegrama de Jorge H. Daniels, da Companhia dos Caminhos de Ferro Centrais de Nova-York: «Dê-me orçamento para cem mil exemplares artigo Rowan em forma de folheto, anunciando na capa o **Empire State Express**, *e diga quando pode embarcá-los.»*

Respondi indicando o preço e que entregaria os folhetos dentro de dois anos. Os nossos recursos eram pequenos, e cem mil folhetos parecia-me uma grande empresa.

Em vista disso dei ao Sr. Daniels autorização para imprimir o artigo como quisesse. Publicou-o sob a forma de folhetos, em edições de meio milhão. Dois ou três destes lotes foram lançados ao público pelo Sr. Daniels. Além disso, o artigo foi reimpresso em mais de duzentas revistas e jornais. Foi traduzido em todas as línguas. Quando o Sr. Daniels distribuía a **Carta a Garcia**, *encontrava-se nos Estados Unidos o príncipe Ililakoff, director dos Caminhos de Ferro russos. Era hóspede da companhia americana e fazia uma viagem por todo o país, sob a direcção do Sr. Daniels. O príncipe viu o folheto e interessou-se por ele, talvez mais porque o Sr. Daniels o distribuía em grandes quantidades do que por qualquer outro motivo.*

O caso é que, quando regressou ao seu país, mandou traduzir o folheto e distribuí-lo por todos os empregados dos Caminhos de Ferro russos.

Depois, o folheto passou da Rússia à Alemanha, à França, à Espanha, ao Indostão e à China.

Durante a guerra entre a Rússia e o Japão, a todos os soldados foi entregue um exemplar da **Carta para Garcia**. *Os japoneses, quando encontraram o folheto em poder dos prisioneiros russos, mandaram-no traduzir. Uma ordem do Mikado prescreveu que fosse entregue um exemplar a todo o empregado do Governo japonês, civil ou militar.*

Imprimiram-se mais de 40 000 000 de exemplares da **Carta para Garcia**. *Diz-se que é a maior circulação que em toda a história, e durante a vida do seu autor, tem tido, graças a circunstâncias felizes, um trabalho literário.*

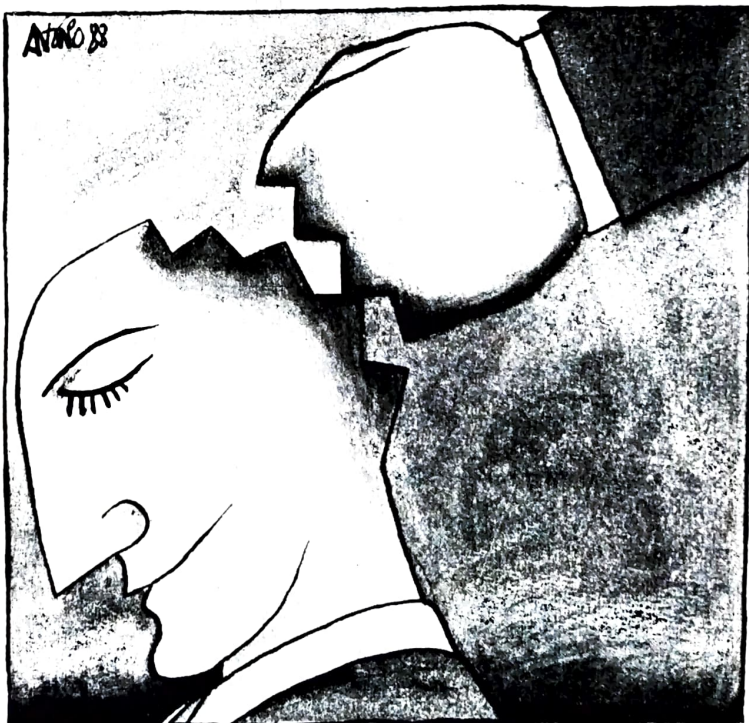
E. H.

* UMA CARTA PARA GARCIA

Em tôda a guerra de Cuba há um homem que aparece no horizonte da minha memória como Marte no periélio.

Quando rebentou a guerra entre a Espanha e os Estados-Unidos era necessário entrar rapidamente em comunicação com o chefe dos insurrectos cubanos. O general Garcia encontrava-se nas montanhas agrestes de Cuba, mas ninguém sabia onde. Não havia meio de comunicar com ele, nem pelo correio nem pelo telégrafo. O presidente dos Estados-Unidos tinha que assegurar, com a maior urgência, a sua cooperação. Como proceder?

Alguém disse ao Presidente: «Há um homem, que se chama Rowan, que talvez possa encontrar Garcia, se porventura há alguém que o possa fazer.»

Mandou-se chamar Rowan e deu-se-lhe uma carta para entregar a Garcia. Rowan pegou na carta, guardou-a numa bolsa impermeável, colocou-a sobre o coração, quatro dias depois desembarcou, de noite, dum pequeno barco, na costa de Cuba, internou-se no mato. Ao cabo de três semanas saiu pelo outro lado da ilha, depois de ter atravessado a pé um país hostil e de

ter entregado a carta a Garcia.

Não é contar como ele fez tudo isso que eu pretendo.

O ponto que desejo fazer notar é este: o presidente Mac-Kinley deu uma carta a Rowan para entregá-la a Garcia. Rowan pegou na carta e não perguntou: «Onde é que ele se encontra?»

Ora aí está um homem cuja figura devia ser esculpida em bronze e colocada em todas as escolas da terra. Não é de aprender nos livros que a juventude necessita, nem de instrução acerca disto ou daquilo, mas de temperar os nervos, ser leal, agir com rapidez, concentrar as energias, fazer o que deve: levar uma carta a Garcia.

O general Garcia já morreu, mas ficaram ainda outros Garcias.

Não há ninguém que se tenha esforçado por levar a cabo uma empresa que necessite de muitas mãos que não se tenha sentido, em certas ocasiões, quase desanimado pela imbecilidade ou falta de vontade para concentrar a atenção numa coisa e fazê-la.

Cooperação deficiente, uma tonta falta de atenção, indiferença repugnante e trabalho feito com medíocre entusiasmo são a regra. Nenhum homem triunfa se, dum modo ou doutro, ou por meio de ameaças, não forçar ou subornar outros homens para ajudá-lo, a não ser que Deus, na sua bondade, faça um milagre e lhe envie um anjo de luz como auxiliar.

Experimente o leitor: está sentado no seu escritório, tem seis empregados à sua disposição: chame qualquer deles e diga-lhe: «Tenha a bondade de consultar uma enciclopédia e escrever uma nota breve sobre a vida de Correggio.» O empregado, docilmente, dirá: «Sim, senhor.» Julga que irá, sem mais demora, cumprir a tarefa? Nunca. Olhará para o leitor, com os olhos mortiços, e fará uma série de perguntas como estas:

— Quem foi Correggio?

— Que enciclopédia hei-de consultar?

— Onde está a enciclopédia?

Não é para isto que eu sou empregado.

— Não quererá dizer Bismarck?

— Porque é que o Carlos não escreve a nota?

Já morreu?

Há pressa?

— Não será melhor que lhe traga o livro para ver?

— Para que deseja essa nota?

Aposto dez contra um que, depois do leitor ter respondido à pergunta e explicado o modo de obter a informação e a razão pela qual a necessita, o empregado irá chamar outro para que o

ajude a encontrar Garcia e voltará dizendo que esse homem não existe. É claro, posso perder a aposta, mas na maioria dos casos ganhá-la-ei.

Se o leitor for esperto, não perderá o tempo a explicar ao seu «ajudante» que Correggio está na letra C da enciclopédia e não na letra K, e, sorrindo amavelmente, dirá: «deixe», e por si só arranjará a nota.

Esta incapacidade para a acção independente, esta estupidez moral, esta fraqueza de vontade, esta má disposição para pôr mãos à obra, são coisas que hão-de afastar para o futuro longínquo o socialismo puro. Se os homens não agem por si próprios, que farão quando o benefício dos seus esforços for para todos?

Parece que é necessário um capataz armado de garrote; e o temor de serem despedidos no sábado à noite é o que retém muitos operários nos seus postos.

Peça por anúncio um taquígrafo. Em dez que se apresentam, nove não sabem escrever correctamente, nem pontuar, nem julgam isso necessário.

— Poderá algum deles escrever uma carta para Garcia?

«— Vê o senhor aquele guarda-livros?», dizia-me o chefe duma grande fábrica.

«Sim, que tem?»

«É um magnífico guarda-livros; se o mandar, porém, tratar dum negócio na cidade, pode ser que cumpra o encargo, mas também pode suceder que, depois de ter entrado em quatro cafés que se encontram no caminho, quando chegar à rua indicada, se tenha esquecido do que tinha a

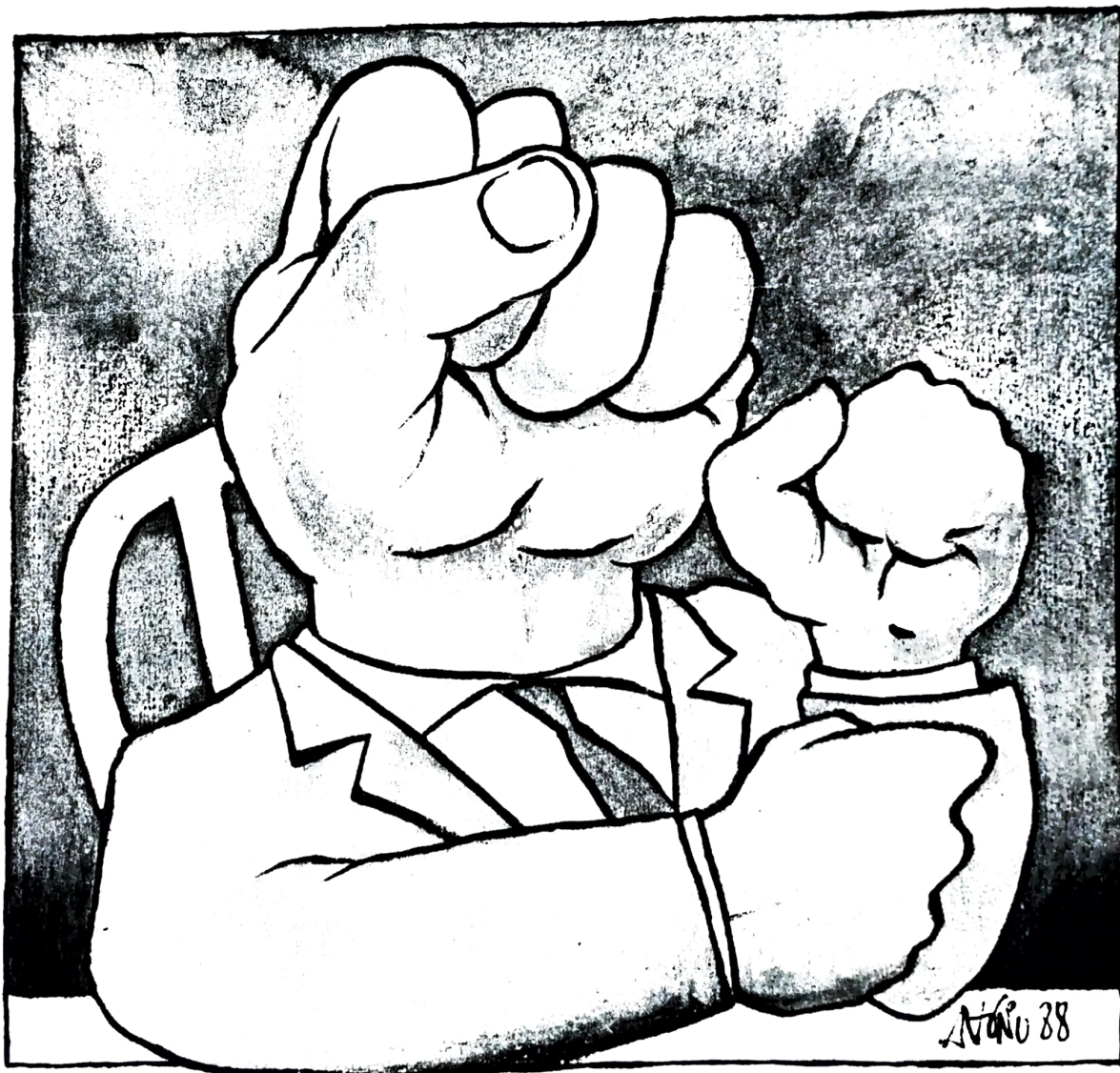
fazer.»

— Poder-se-á confiar a tal homem a missão de levar uma carta a Garcia?

Recentemente ouvia eu lamentar, com uma simpatia simulada, a sorte dos operários oprimidos nas fábricas e daqueles que, sem casa, buscam um emprego honesto. Naturalmente as lamentações eram acompanhadas de palavras duras para os homens que estão no poder.

Ninguém diz nada do chefe que envelhece antes de tempo, pelo vão intento de lograr que os inúteis façam um trabalho inteligente e pela luta prolongada e paciente contra os empregados que não fazem nada, desde que ele volta as costas.

Todas as lojas e fábricas se estão depurando constantemente dos maus elementos. O chefe com frequência despede os empregados que demonstram a sua incapacidade para fazer prosperar os negócios, e escolhe outros. A selecção continua, quando os tempos correm bons e quando correm maus. É mais apurada quando os tempos vão maus e o trabalho escasseia. Mas sempre será despedido o incompetente ou indigno. É a sobrevivência dos mais aptos. O próprio interesse leva o chefe a conservar os melhores, aqueles que são capazes de levar uma carta a Garcia.

Conheço um homem dotado de brilhantes qualidades, mas que não tem habilidade para

tratar dum negócio seu e é completamente incapaz de tratar dos de outrém, porque constantemente traz consigo a vã suspeita de que o seu chefe o oprime ou pretende oprimi-lo. Não pode mandar nem obedecer. Se lhe dessem uma carta para Garcia, provavelmente a resposta seria: «Leve-a o senhor.»

De noite, este homem vagueia pelas ruas, em busca de trabalho. O vento sopra-lhe no fato esburacado. Mas ninguém que o conheça se atreve a empregá-lo, porque é um facho aceso de descontentamento; impenetrável à razão, a única coisa que o pode impressionar é a extremidade duma bota número nove, de sola grossa.

Bem sei que um ser assim, disforme moralmente, é tão digno de lástima como o estropiado físico. Mas é necessário também que, na nossa comiseração, não nos esqueçamos dos homens que se esforçam por levar a cabo uma grande empresa e cujas horas de trabalho, entre apuros, os envelhecem prematuramente na luta contra os frios indiferentes, os imbecis ociosos e os ingratos sem coração.

— Expressei-me com dureza?

É possível que sim; mas, quando todos mostram piedade pelos maus, eu desejo dedicar uma palavra de simpatia ao homem que triunfou, ao que, contra os maiores obstáculos, dirigiu os esforços de outros, e que, tendo chegado ao fim da empresa, verifica que nela só escassamente ganhou alimentos e roupa.

Transportei às costas comida de rancho, trabalhei à jorna, fui chefe de trabalhadores. Sei o que se pode dizer a favor de pobres e ricos, dirigentes e dirigidos.

Não há excelência, por si, na pobreza; os andrajos não servem de recomendação. Nem todos os chefes são rapaces e arbitrários, assim como nem todos os homens pobres são virtuosos.

O meu coração está com o homem que executa a tarefa que lhe incumbe, esteja o patrão ou não esteja na loja.

Ao homem que, quando se lhe entrega uma carta para Garcia, obedientemente pega nela, sem fazer perguntas desnecessárias e sem a intenção oculta de a deitar na valeta mais próxima, ao homem que não faz outra coisa senão entregar essa carta — a esse homem nunca falta trabalho nem precisa declarar-se em greve para obter salários mais elevados.

É desses homens que a civilização necessita em larga escala. Tudo quanto esses homens peçam deve ser-lhes concedido. É desses homens que as cidades, as vilas, as aldeias, as repartições, as lojas, os escritórios e as fábricas precisam.

O mundo clama por esses homens; e, na verdade, o que é necessário é o homem que saiba levar **Uma carta para Garcia.**

* ELBERT HUBBARD, autor de UMA CARTA PARA GARCIA, tradução do Dr. FARIA DE VASCONCELOS, 3ª EDIÇÃO, 1941, «SEARA NOVA» — Rua da Rosa, 240 - LISBOA